

A Aventura em Bagdá

Título original:
The Came To Baghdad

Tradução:
Ary Blaustein

(c) 1951 by Agatha Christie

O CAPITÃO CROSBIE saiu do banco com o ar de quem tinha cobrado um cheque e descoberto que havia um pouquinho mais em sua conta do que pensara.

O Capitão Crosbie freqüentemente parecia contente consigo mesmo. Era essa espécie de homem. De aparência era baixo e atarracado, com um rosto extremamente vermelho e um bigode militar de escovinha. Empertigava-se um pouco ao andar. Suas roupas eram talvez um pouco berrantes demais e ele gostava de uma boa história. Era popular entre outros homens. Um homem alegre, lugar-comum mas gentil, solteiro. Nada notável a seu respeito. Há montes de Crosbies no Leste.

A rua na qual o Capitão Crosbie saiu era chamada Rua dos Bancos, pela excelente razão de que a maioria dos bancos da cidade estava localizada nela. Dentro do banco estava fresco e escuro e bastante bolorento. O ruído predominante era de grandes quantidades de máquinas de escrever crepitando ao fundo.

Fora na Rua dos Bancos havia sol e poeira redemoinhante e os ruídos eram terríficos e variados. Havia o persistente barulho de buzinas de automóvel, os gritos dos vendedores de diversas espécies de mercadorias. Havia disputas acirradas entre pequenos grupos de pessoas que pareciam a ponto de matar-se uns aos outros, mas na realidade eram amigos íntimos; homens, meninos e meninas estavam vendendo toda a sorte de árvores, doces, laranjas e bananas, toalhas de banho, pentes, lâminas de barbear e outras mercadorias sortidas, carregados rapidamente pelas ruas em travessas. Havia também um ruído perpétuo e perenemente renovado de pigarros ao serem limpos e cusparadas e sôbre tudo isso o tênue lamento melancólico de homens conduzindo asnos e cavalos pela torrente de carros e pedestres, gritando: "Balek-Balek!"

Eram onze horas da manhã na Cidade de Bagdá.

O Capitão Crosbie parou um menino que passava correndo rapidamente com um molho de jornais debaixo do braço e comprou um. Dobrou a esquina da Rua dos Bancos e chegou a Rashid Street, que é a rua principal de Bagdá, que a percorre por cerca de seis quilômetros, paralela ao Rio Tigre.

O Capitão Crosbie olhou as manchetes do jornal, caminhou uns duzentos metros e em seguida dobrou para uma àleazinha que dava para um grande khan, ou pátio. Do outro lado do mesmo, empurrou uma porta abrindo-a e encontrou-se num escritório.

Um empregado iraquiano bem arrumado deixou a sua máquina de escrever e veio ao seu encontro sorrindo as boasvindas.

Bom dia, Capitão Crosbie. Em que lhe posso ser útil? O Sr. Dakin está na sua sala? Ótimo, vou passar.

Passou por uma porta, subiu uma escada de degraus bem inclinados e seguiu por uma passagem bastante suja. Bateu na porta ao fundo e uma voz disse: "Entre!"

Era uma sala extremamente alta e vazia. Havia uma estufa a óleo com pires com água colocado em cima, um assento longo almofadado e uma pequenina mesa de café na sua frente e uma escrivaninha esmolambada. A luz elétrica estava acesa e a luz do dia cuidadosamente excluída. Atrás da escrivaninha esmolambada estava sentado um homem também esmolambado de rosto cansado e indeciso - o rosto de alguém que não tinha progredido no mundo, sabe disso e deixou de preocupar-se com isso.

Os dois homens, o alegre e autoconfiante Crosbie e o melancólico e fatigado Dakin, olharam um para o outro.

Dakin falou- Olá, Crosbie. Acaba de chegar de Kirkuk?

O outro assentiu com a cabeça. Fechou a porta cuidadosamente atrás de si. Era uma porta de aspecto esmolambado, mal pintada, mas tinha uma qualidade inesperada; ajustava-se bem, sem frestas e sem espaço por baixo.

Era, na realidade, à prova de som.

2

Com o fechar da porta as personalidades de ambos os homens mudaram apenas perceptivelmente. O Capitão Crosbie tornou-se menos agressivo e determinado. Os ombros do Sr. Dakin ficaram menos caídos e seus modos ficaram menos hesitantes. Se alguém tivesse estado na sala ouvindo, poderia ter ficado surpreso ao constatar que Dakin era o homem com autoridade.

- Alguma novidade? - perguntou Crosbie.

- Sim. - Dakin suspirou. Diante dele havia um papel que tinha estado a decodificar. Rabiscou mais duas letras e disse:

- Terá lugar em Bagdá.

Em seguida riscou um fósforo, tocou fogo no papel e observou-o queimar. Quando tinha sido reduzido a cinzas, soprou suavemente. As cinzas ergueram-se e se dispersaram.

- Sim - comentou. - Decidiram que seria Bagdá. Dia vinte do mês que vem. Temos que "guardar o maior segredo".

- Estiveram comentando isso no Suq... durante quatro dias - disse Crosbie secamente.

O homem alto sorriu seu sorriso cansado.

- Segredo máximo! Não há segredos máximos no Oriente, não é mesmo, Crosbie?

- Não senhor. Se quiser a minha opinião, não há segredos máximos em lugar algum. Durante a guerra notei freqüentemente que um barbeiro de Londres sabia mais do que o Alto Comando.

- Não tem muita importância neste caso. Se o encontro deve realizar-se em Bagdá, em breve terá que ser tornado público. E depois a farra... a nossa farinha particular... começa.

- Acha que vai começar? - perguntou Crosbie ceticamente.

- O Grande Ditador acha (assim desrespeitosamente se referia Crosbie ao chefe de uma grande potência européia) e pretende realmente vir?

- Acho que desta vez sim, Crosbie - disse Dakin pensativamente.

- Acho que sim. E se o encontro se realizar... se se realizar sem qualquer embaraço... bem, pode ser a salvação

3

de tudo. Se apenas se pudesse chegar a qualquer espécie de entendimento... - e interrompeu-se.

Crosbie ainda parecia ligeiramente cético.

- Existe... desculpe-me, senhor... existe a possibilidade de um entendimento de qualquer espécie?

- No sentido que você quer dizer, Crosbie, provavelmente não! Se fosse apenas o encontro de dois homens que representam ideologias completamente diferentes, provavelmente a coisa toda terminaria como de costume... em suspeita e má compreensão aumentadas. Mas há um terceiro elemento. Se aquela história fantástica de Carmichael é verdadeira...

Interrompeu-se de novo.

- Mas certamente, senhor, não pode ser verdadeira. É fantástica demais!

O outro ficou em silêncio por alguns momentos. Estava vendo, bem vividamente, um rosto sério, preocupado, escutando uma voz calma, indiferente, dizendo coisas fantásticas e inacreditáveis. Estava dizendo a si mesmo, como então o tinha feito:

- Ou o meu melhor homem, o mais digno de confiança, ficou louco, ou então essa coisa é verdadeira...

Disse, na mesma voz tênue e melancólica:

- Carmichael acreditava nisso. Tudo que ele fora capaz de descobrir confirmava-lhe sua hipótese. Ele queria ir lá para descobrir mais, trazer provas... Se foi acertado eu tê-lo deixado ir, eu não sei. Se ele não voltar é apenas a minha história do que ele me contou, que por sua vez é a história do que alguém contou a ele. Isso é bastante? Eu não penso assim. É, como você diz, uma história tão fantástica... Mas se o homem mesmo estiver aqui em Bagdá, no dia vinte, para contar a sua história, a história de uma testemunha ocular, e apresentar provas...

- Provas? - perguntou Crosbie asperamente.

O outro anuiu.

- Sim, ele tem provas.

- Como é que sabe?.

- A fórmula combinada. A mensagem veio por intermedio de Salah Hassan - citou cuidadosamente: - Um camelo branco com uma carga de aveia está vindo por sobre o Passo.

Fez uma pausa e continuou:

4

- De modo que Carmichael, conseguiu o que veio procurar, mas não consegue escapar sem suspeita. Estão na sua pista. Qualquer que seja o caminho que ele tomar, será vigiado e, o que é muito mais perigoso, estarão à espera dele... aqui. Primeiro na fronteira. E se ele conseguir passar pela fronteira, haverá um cordão estendido em volta das embaixadas e dos consulados. Olhe para isso.

Mexeu em alguns papéis sobre a sua escrivaninha e começou a ler:

- Um inglês viajando em seu carro da Pérsia para o Iraque morto a tiros, supostamente por bandidos. Um mercador curdo viajando colinas abaixo emboscado e morto. Outro curdo, Abdul Hassan, suspeito de ser um contrabandista de cigarros, morto a tiros pela polícia. Corpo de um homem, posteriormente identificado como um motorista de caminhão armemo, encontrado na estrada de Rowanduz. Todos eles, preste atenção, de aproximadamente a mesma descrição. Altura, peso, cabelo, corpo, corresponde a uma descrição de Carmichael. Não estão se arriscando em nada. Estão dispostos a pegá-lo. Uma vez que ele estiver no Iraque o perigo é ainda maior. Um jardineiro na Embaixada, um empregado do Consulado, um funcionário no Aeroporto, na Alfândega, na estação da Estrada de Ferro... todos os hotéis vigiados... Um cordão bem apertado.

Crosbie levantou as sobancelhas.

Acha que é tão espalhado assim?

Não tenho a menor dúvida. Mesmo no nosso espetáculo têm havido vazamentos.

Como posso ter certeza de que as medidas que estamos adotando para trazer Carmichael seguramente para Bagdá não são conhecidas já do outro lado? É um dos movimentos elementares do jogo, como sabe, ter alguém na folha de pagamento do campo oposto.

- Há alguém de quem suspeita?

Lentamente Dakin meneou a cabeça.

Crosbie suspirou.

- Enquanto isso - perguntou - nós continuamos?

- Sim.

- E com referência a Crofton Lee?

- Concordou em vir para Bagdá.

5

- Todo mundo está vindo para Bagdá - disse Crosbie. Mesmo o Grande Ditador, de acordo com o que diz, senhor. Mas se algo acontecesse ao Presidente - enquanto ele estiver aqui - o foguete irá subir, com um estrondo.

- Nada deve acontecer - afirmou Dakin. - Essa é a nossa parte. Providenciar para que nada aconteça.

Quando Crosbie tinha-se retirado, Dakin dobrou-se sobre a sua mesa. Estava murmurando:

- Eles vieram para Bagdá...

Traçou um círculo no mata-borrão e escreveu embaixo Bagdá. - Em seguida fez pontinhos em volta, esboçou um camelo, um avião, um navio, um pequeno trem de chaminé bafejante, todos convergindo sobre o círculo. Em seguida no canto da folha desenhou uma teia de aranha. No meio da teia escreveu um nome: Ana Scheele. Por baixo colocou um grande ponto de interrogação.

Em seguida pegou seu chapéu e saiu do escritório. Ao passar por Rashid Street um homem perguntou a outro quem era ele.

- Aquele? Oh, é Dakin. De uma das companhias de petróleo. Bom sujeito, mas não chega a lugar nenhum. Letárgico demais. Dizem que bebe. Nunca chegará a ser nada. É preciso ter energia para chegar a ser alguma coisa nesta parte do mundo.

- Está com os relatórios sobre a propriedade Krugenhof, Srta. Scheele?

- Sim, Sr. Morgenthal.

A Srta. Scheele, fria e eficiente, colocou os papéis à frente do seu empregador.

Este grunhiu enquanto lia.

- Satisfatório, acho eu.

- Eu certamente penso assim, Sr. Morgenthal.

- Schwartz está aqui?

- Está esperando na ante-sala.

- Mande-o entrar agora.

A Srta. Scheele apertou uma campainha - uma das seis que havia.

- Ainda precisa de mim, Sr. Morgenthal?

6

1

ì

- Não, acho que não Srta. Scheele.

Ana Scheele esgueirou-se silenciosamente para fora da sala.

Era uma loura platinada, mas não uma loura glamorosa. Seu cabelo pálido alourado estava repuxado liso da sua testa para formar um rolo ordenado em seu pescoço. Seus olhos azul-pálido, inteligentes, olhavam o mundo por detrás de lentes fortes. O rosto tinha feições límpidas e miúdas, mas era bastante inexpressivo. Tinha subido na carreira não pelos seus encantos, mas por simples eficiência. Era capaz de decorar qualquer coisa, não importa quão complicada, e reproduzir nomes, datas e horas sem consultar apontamentos. Era capaz de organizar a equipe de um grande escritório de tal forma que tudo funcionava como uma máquina bem azeitada. Era a discrição em pessoa e sua energia, embora controlada e disciplinada, nunca esmorecia.

Otto Morgenthal, chefe da firma nova-lorquina de Morgenthal, Brow & Shipperke, banqueiros internacionais, estava bem consciente do fato de que devia a sua Scheele mais do que simples dinheiro poderia pagar. Confiava plenamente nela. Sua memória, sua experiência, seu julgamento e sua cabeça fria e equilibrada eram impagáveis. Ele lhe pagava um alto salário e o teria aumentado se ela o tivesse pedido.

Ela conhecia não somente os detalhes do seu negócio, mas os detalhes de sua vida particular também. Quando ele a tinha consultado no assunto da segunda Sra. Morgenthal, ela tinha aconselhado o divórcio e sugerido a importância exata dos alimentos. Não expressara nem simpatia nem curiosidade. Não era, diria ele, essa espécie de mulher. Ele não pensava que ela tivesse quaisquer sentimentos e nunca

Ihe ocorreu pensar o que ela pensava a respeito. Na realidade teria ficado espantado se Ihe contassem que ela abrigava quaisquer pensamentos - a não ser, claro, pensamentos ligados a Morganthal, Brown & Shipperke e aos problemas de Otto Morganthal.

Assim foi com surpresa completa que ele a ouviu dizer ao sair do escritório:

- Eu gostaria de ter umas férias de três semanas fora de Nova York, se for possível, Sr. Morganthal. A partir da próxima terça-feira.

Olhando para ela, falou, embaraçado:

7

- Seria embaraçoso, muito embaraçoso.

- Não acho que seria difícil demais, Sr. Morganthal. A Srta. Wygate é perfeitamente competente para tratar das coisas. Vou deixar-lhe minhas anotações e instruções completas. O Sr. Cornwall pode se ocupar da Fusão Ascher.

Ainda embaraçado, ele perguntou:

- Não está doente, ou algo assim?

Não podia imaginar a Srta. Scheele estando doente. Mesmo os germes respeitavam Ana Scheele e ficavam fora do seu caminho.

- Oh, não, Sr. Morganthal. Eu quero ir a Londres para ver minha irmã.

Sua irmã?

Ele não sabia que ela tivesse uma irmã. Nunca concebeu a Srta. Scheele como tendo qualquer família ou parentes. Nunca mencionou tê-los. E aqui estava ela, casualmente se referindo a Londres. No outono passado tinha estado em Londres com ele, mas nunca havia mencionado ter uma irmã lá.

Com um sentimento de ofensa declarou:

- Nunca soube que tivesse uma irmã na Inglaterra.

A Srta. Scheele sorriu muito suavemente:

- Oh, sim, Sr. Morganthal. É casada com um inglês, ligado ao Museu Britânico. Ela terá que se submeter a uma operação muito séria. Quer que eu esteja com ela. Eu gostaria de ir.

Em outras palavras, viu o Sr. Morganthal, tinha resolvido ir.

Resmungou:

- Muito bem, muito bem... Volte logo que puder. Nunca vi o mercado tão variável. Todo esse maldito comunismo. A guerra pode estourar a qualquer momento. Às vezes penso que é a única solução. Todo o país está crivado com isso... crivado com isso. E agora o Presidente decidiu ir a essa Conferência em Bagdá. É uma encenação na minha opinião. Estão querendo pegá-lo. Bagdá! De todos os lugares o mais esquisito!

- Oh, tenho a certeza de que será bem guardado disse a Srta. Scheele apaziguadoramente.

8

- Apanharam o Xá da Pérsia o ano passado, não foi? Pegaram Bernadotte na Palestina. É loucura... isso é o que é... loucura.

- Mas então - acrescentou o Sr. Morganthal pesadamente - o mundo todo está louco.

9

II

VICTORIA JONES estava sentada cismadora numa cadeira nos Jardins Fitz James. Estava completamente entregue a reflexões - ou poder-se-la dizer quase, moralizações - sobre as desvantagens inerentes do emprego dos próprios talentos particulares no momento errado.

VICTORIA era, como a maioria de nós, uma moça com qualidades tanto quanto defeitos. Do lado do crédito era generosa, de coração quente e corajosa. A sua inclinação natural para a aventura pode ser considerada ou como meritória ou o contrário nesta idade moderna que avalia muito alto o valor de segurança. Seu defeito principal era mentir tanto nos momentos oportunos quanto nos inoportunos. A fascinação superior da ficção ao fato sempre tinha sido irresistível para VICTORIA.

Tinha mentido com fluência, facilidade e fervor artísticos. Se VICTORIA chegasse atrasada a um encontro (o que freqüentemente era o caso), para ela não era o bastante murmurar uma desculpa do seu relógio ter parado (o que realmente acontecia com bastante freqüência) ou de um ônibus inexplicavelmente atrasado. Para VICTORIA pareceria preferível fornecer a desculpa esfarrapada de que tinha sido impedida por um elefante fugido, deitado atravessado na estrada principal do ônibus, ou por um excitante reide relâmpago da polícia, na qual ela mesma tinha tomado parte para ajudar a polícia. Para VICTORIA um mundo agradável seria aquele no qual tigres estavam de atalaia no Strand e bandidos perigosos infestavam Tooting.

Uma moça magra, com uma figura agradável e pernas de primeira classe, as feições de VICTORIA poderiam ser descritas na realidade como comuns. Eram miúdas e lípidas. Mas havia

algo estimulante nela, pois a "carinha de borracha", como um dos seus admiradores a tinha apelidado, podia destorcer aquela expressão imóvel para um arremedo espantoso de praticamente qualquer pessoa.

Foi este seu talento mencionado por último que a levava à sua presente entalada. Empregada como datilógrafa pelo Sr. Greenholtz de Greenholtz, Simmon & Lederbetter, da Rua

Graysholme, de Londres, W.C. 2, VICTORIA tinha matado o tempo de uma manhã paulificante entretendo três outras datilógrafas e o moço de recados com uma performance vívida da

Sra. Greenholtz ao fazer uma visita ao escritório do seu marido. Segura no conhecimento de que o Sr. Greenholtz tinha saído para visitar seus clientes, VICTORIA tinha deixado arrebatarse.

- Porque nós não podemos ter aquele banquinho Knole, paiée? - perguntava ela em voz alta e lamurienta. A Sra. Dievatakis ela tem um em cetim azul elétrico.

Você diz que o dinheiro está curto? Mas quando você sai com aquela loura para jantar e dançar - Ali! pensa que eu não sei - e se você sai com aquela pequena, então vou ter um banquinho todo em cor de ameixa, de almofadas de ouro. E quando você diz que é um jantar de negócios, voce é um trouxa perfeito - sim - e volta com batom na camisa. Então, vou

ter o banquinho Knole e vou encomendar uma capa de pele -muito bonita - toda com arminho, mas não realmente arminho e eu vou consegui-la muito barato e vai ser um bom negócio.

A falha súbita do seu auditório - a princípio arrebatado, mas agora subitamente voltado ao trabalho com concordância espontânea, fez VICTORIA interromper e voltar-se para onde o Sr. Greenholtz estava de pé no umbral da porta, observando-a.

VICTORIA, incapaz de pensar em algo reievante para dizer, simplesmente exclamou:

- Oh!

O Sr. Greenholtz grunhiu.

Tirando seu casaco, o Sr. Greenholtz encaminhou-se para seu escritório particular e fechou a porta com estrondo. Quase que imediatamente a campainha soou, dois curtos e um longo. Era um chamado para VICTORIA.

11

- É para você, Johnezinha - comentou uma colega desnecessariamente, de olhos brilhantes pelo prazer causado pela desgraça dos outros. As outras datilógrafas colaboravam neste sentimento, ejaculando:

- É a sua vez, Jones.

- Para a berlinda, Joezinha.

O mensageiro, uma criança desagradável, contentou-se puxando o indicador diante do pescoço e proferindo um som sinistro.

VICTORIA levantou seu caderno de apontamentos e lápis e foi para o escritório do Sr. Greenholtz, com tanta segurança quanto conseguia reunir.

- Está me chamando, Sr. Greenholtz? - murmurou, fixando um olhar límpido nele.

O Sr. Greenholtz estava amarfanhando três notas de uma libra e procurando em seus bolsos moedas do Tesouro.

- Ora, aí está você - observou ele. - Para mim chega de sua parte, minha jovem. Vê alguma razão especial pela qual não lhe deva pagar uma semana de salário em lugar de aviso prévio e mandá-la embora agora mesmo?

VICTORIA (uma órfã) tinha acabado de abrir a boca para explicar como a aflição de uma mãe, neste momento sofrendo uma operação séria a tinha desmoralizado tanto que tinha ficado de cabeça completamente aérea e como o seu salário minguaado era tudo que a mãe acima citada tinha para sustentar-se, quando, lançando um olhar de soslaio para a face desagradável do Sr. Greenholtz, fechou a boca e mudou de pensamento.

- Não poderia estar mais de acordo com o senhor disse ela aberta e agradavelmente.

- Penso que está absolutamente certo, se sabe o que quero dizer.

O Sr. Greenholtz parecia ligeiramente espantado. Não estava acostumado a ter suas despedidas tratadas com esse espírito aprovador e congratulatório. Para esconder um ligeiro mal-estar, remexeu a pilha de moedas à sua frente na escrivaninha. Em seguida mais uma vez procurou pelos seus bolsos.

- Faltam nove pence - murmurou soturnamente.

- Não tem importância - disse VICTORIA gentilmente. Vá ao cinema ou compre umas balas.

- Parece que não tenho nem selos.

12

- Não importa. Eu nunca escrevo cartas.

- Poderia mandar pelo correio - disse o Sr. Greenholtz, mas sem muita convicção.

- Não se incomode. Que tal uma referência? - perguntou VICTORIA.

A cólera do Sr. Greenholtz voltou.

- Por que diabo deveria eu lhe dar uma referência? perguntou ele furiosamente.

- É costumeiro - retrucou VICTORIA.

O Sr. Greenholtz puxou de um pedaço de papel e rabiscou algumas linhas. Empurrou o papel em sua direção.

- Está bom assim?

A Srta. Jones esteve comigo por dois meses como estenodatilógrafa. Sua taquigrafia e inexata e não sabe ortografia. Está saindo devido à perda de tempo durante o expediente.

VICTORIA fez uma careta.

- Dificilmente uma recomendação - observou.

- Não pretendia que fosse - observou o Sr. Greenholtz.

- Acho - disse VICTORIA - que poderia pelo menos dizer que sou honesta, sóbria e respeitável. Eu sou, como sabe. E talvez pudesse acrescentar que sou discreta.

- Discreta? - latiu o Sr. Greenholtz.

VICTORIA encontrou seu olhar com uma expressão inocente.

- Discreta - repetiu gentilmente.

Lembrando-se de diversas cartas que foram ditadas a VICTORIA e datilografadas por ela, o Sr. Greenholtz decidiu que a prudência era a parte melhor do rancor.

Agarrou o papel de volta, rasgou-o e começou uma folha nova.

A Srta. Jones esteve comigo por dois meses como estenodatilógrafa. Está nos deixando por estar sendo diminuído o pessoal de escritório.

- Que tal isso?

- Podia ser melhor - disse VICTORIA - mas servirá.

Foi assim com o salário de uma semana (menos nove pence) na bolsa que VICTORIA estava sentada num banco nos Jardins Fitz James, que são uma plantação triangular de arbustos extremamente tristes, ao lado de uma igreja e dominada por um armazém alto.

13

Era hábito de VICTORIA, em qualquer dia em que não estivesse realmente chovendo, comprar um queijo e um sanduíche de alface e tomate numa lanchonete e comer esse lanche simples nesta paisagem pseudo-rural.

Agora, ao mastigar meditativamente, estava dizendo a si mesma, não pela primeira vez, que havia um tempo e um lugar para cada coisa - e que o escritório não era certamente o lugar para imitações da mulher do patrão. No futuro teria que dominar a sua exuberância natural que a levou a iluminar o desempenho de uma tarefa paulificante. Enquanto isso, ela estava livre de Greenholtz, Siminon & Lederbetter e a perspectiva de conseguir um emprego em outro lugar enchia-a de antecipação agradável. VICTORIA estava sempre deliciada quando estava em vias de assumir um novo emprego. Nunca se sabia, sentia ela, o que poderia acontecer.

Tinha acabado de distribuir o último farelo de pão entre três pardais atentos, que imediatamente começaram a brigar com fúria entre si pelo pão, quando se apercebeu de um jovem que estava sentado na outra ponta do banco. VICTORIA o tinha notado já vagamente, mas com a sua mente cheia de boas resoluções para o futuro, não o observara atentamente até agora. Do que via (pelo rabo do olho) gostava muito. Era um jovem de boa aparência, querubicamente bonito, mas com um queixo firme e olhos extremamente azuis que tinham estado, ela gostava de imaginar, a examiná-la com admiração encoberta por algum tempo.

VICTORIA não tinha inibições a respeito de fazer amigos com jovens estranhos e lugares públicos. Considerava a si mesma um excelente juiz de caracteres e bem capaz de controlar quaisquer manifestações de ousadia por parte de homens desacompanhados.

Começou a sorrir francamente a ele e o jovem reagiu como um marionete quando se puxa a corda.

- Olá - disse o jovem. - Bonito lugar este. Sempre vem para cá?

- Quase todos os dias.

- É bem a minha sorte que nunca vim para cá antes. Foi esse o seu almôço que estava comendo?

- Sim.

14

- Acho que você não come bastante. Eu morreria de fome se comesse apenas dois sanduíches. Que tal vir comigo e comer uma lingüiça no SPO na estrada de Tottenham Court?

- Não obrigada. Eu estou bem. Não poderia comer mais nada agora.

Ela quase que esperava que ele dissesse: "Outro dia, então", mas ele não o fez. Simplesmente suspirou e em seguida falou:

- Meu nome é Edward, qual é o seu?

- VICTORIA.

- Por que é que seus pais a quiseram chamar por um nome de estação de estrada de ferro?

- VICTORIA não é somente uma estação de estrada de ferro indicou a Srta. Jones. - Também há a Rainha VICTORIA.

- MMM... hum, sim. Qual é o seu outro nome?

- Jones.

- VICTORIA Jones - disse Edward, experimentando o nome na língua. Meneou a cabeça.

- Não combinam.

- Você tem muita razão - disse VICTORIA com sentimento. - Se eu fosse Jenny seria bem bonito... Jenny Jones. Mas VICTORIA requer algo com mais classe. VICTORIA SackvilleWest, por exemplo. Essa é a espécie de coisa de que a gente precisa. Algo para fazer rolar pela boca.

- Você poderia acrescentar algo ao Jones - sugeriu Edward com interesse simpaticante.

- Bedford Jones.

- Carisbrooke Jones.

- Sta. Clair Jones.

- Lonsdale Jones.

Este jogo agradável foi interrompido pelo olhar de Edward ao seu relógio e sua exclamação horrorizada.

- Tenho que correr de volta ao meu maldito patrão.. hem, e você?

- Estou sem emprego. Fui despedida hoje pela manhã.

- Oh, quero dizer, sinto muito - disse Edward com real preocupação.

- Não desperdice a sua simpatia, porque não estou nem UM pouquinho triste. Por um lado, vou conseguir outro emprego com facilidade e, depois, tudo isso foi deveras engraçado.

15

Da E, atrasando a volta de Edward ao dever ainda mais, ela lhe fez uma reprodução espirituosa da cena de de manhã, reapresentando a sua personificação da Sra. Greenholtz para imenso divertimento de Edward.

- Você é realmente maravilhosa, VICTORIA - disse ele. Você devia estar no palco.

VICTORIA aceitou este tributo com um sorriso agradecido e comentou que Edward devia ir andando se não quisesse receber ele mesmo o bilhete azul.

- Sim, e eu não conseguiria um outro emprêgo com a mesma facilidade que você. Deve ser maravilhoso ser uma boa estenodatilógrafa - disse Edward com inveja na voz,

- Bem, na realidade não sou boa estenodatilógrafa - admitiu VICTORIA francamente - mas tenho sorte de que as piores estenodatilógrafas hoje em dia podem conseguir um emprego de qualquer espécie - pelo menos um educacional ou de caridade - estes não podem pagar muito, de modo que conseguem pessoal como eu. Prefiro a espécie de emprego intelectual. Esses nomes e lugares e têrnos científicos de qualquer forma são tão assustadores, mesmo quando não souber escrevê-los corretamente, na realidade isso não lhe fará vergonha nenhuma, porque ninguém seria capaz. Qual é o seu emprego? Presumo que você saiu de uma das armas da RAF??

-O Bom palpíte. -

- Piloto de caça?

Acertou de novo. São muito amáveis em nos conseguir emprego e tudo mais, mas, veja você, o problema é que somos especialmente inteligentes. Quero dizer que não era preciso ser muito inteligente na RAF. Eles me colocaram num escritório com um monte de arquivos e números e algo em que pensar, e eu simplesmente entreguei os pontos. Toda a coisa, de qualquer forma, parecia compeltamente sem propósito. Mas é isso. Acho que deprime um pouco saber que você não serve absolutamente para nada.

VICTORIA anuiu solidária.

Edward continuou amargamente:

- Sem contato. Completamente fora do mapa. Estava tudo certo durante a guerra... era possível a gente agüentar

16

as pontas... eu por exemplo ganhei a DFC (cruz por serviços relevantes em vôo, nota do tradutor)... mas agora, bem posso considerar-me muito bem fora do mapa.

Mas devia haver...

VICTORIA interrompeu-se. Sentia-se completamente incapaz de colocar em palavras a sua convicção de que as qualidades que trouxeram uma DFC a seu proprietário de algum modo deveriam ter seu lugar designado no mundo de 1950.

- Isso quase que me arrasou - disse Edward. - Não ser bom em nada, quero dizer. Bem... melhor eu ir andando... quero dizer... você se importaria... não seria muita presunção... se eu apenas pudesse...

Quando VICTORIA abriu olhos surpresos, um Edward balbuciente e de faces repentinamente coradas tirou uma pequena câmera.

- Eu gostaria muito de ter um retrato seu. Você sabe, vou para Bagdá amanhã.

- A Bagdá? - exclamou VICTORIA com vivo desapontamento.

- Sim. Quero dizer, gostaria que não fosse... agora. Antes, pela manhã, eu estava bastante animado com isso; foi a razão pela qual na realidade aceitei esse emprego... para sair do país.

- Que espécie de trabalho é?

- Horrroso. Cultura, poesia, toda essa espécie de coisas. Um tal de Dr. Ratlibone é meu chefe. Uma porção de títulos depois do none, olha a gente comoventemente por um pince-nez. Ele é terrivelmente entusiasmado por instrução e espalha-a perto e longe. Abre livrarias em lugares remotos. está começando uma em Bagdá. Faz traduzir as obras de Shakespeare e Milton para o árabe e curdo, e persa e aririênio e tem todas elas à mão. Bobagem, acho eu, porque temos o Conselho Britânico fazendo a mesma coisa em todos os lugares. No entanto, aí está. A mim me dá um emprego, de modo que eu não devia reclamar.

- Que é que você faz na realidade? - perguntou VICTORIA.

Bem, no fim de contas tudo se resume em ser o puxasaco pessoal do velhote e capachildo. Comprar os bilhetes, fazer

17

as reservas, preencher os formulários de passaporte, conferir a embalagem de todos aqueles pequenos manuais horrendos de poesia, correr para cá, para lá e para todo lugar. Então, quando chegarmos lá devo fraternizar - uma espécie de movimento glorificado de juventude - todas as nações juntas para uma campanha unida pela instrução - o tom de Edward se tornou mais e mais melancólico. - Francamente, é bem aterrador, não é?

VICTORIA foi incapaz de administrar qualquer conforto.

- De modo que você vê - disse Edward. - Se você não se importar demais... uma de lado e uma olhando de frente para mim... oh, assim está maravilhoso...

A câmera deu dois cliques e VICTORIA demonstrou aquela complacência ronronante demonstrada por mulheres jovens que sabem que causaram uma impressão num membro atraente do sexo oposto.

- Mas é bastante chato realmente ter que ir embora, justamente quando a encontrei - disse Edward. - Eu tenho uma meia idéia de mandar tudo às favas... mas acho que não poderia agora, no último momento, não depois de todos aqueles formulários tenebrosos e vistos e tudo. Não seria um bom desempenho, não é?

- Pode sair melhor do que você pensa - disse VICTORIA consoladoramente.

- N-não - replicou Edward em dúvida. - A coisa mais gozada é - acrescentou - que tenho um pressentimento de que há algo podre nisso tudo.

- Podre?

- Sim. Vigarice. Não me pergunte por quê. Não tenho motivo algum. É uma espécie de palpite que a gente tem às vezes. Uma vez tive isso a respeito do meu óleo de bombordo. Comecei a fuçar a maldita coisa e não é que havia uma arruela encravada na bomba da cremalheira?

Os termos técnicos nos quais isso foi ministrado tornava tudo bastante ininteligível para VICTORIA, mas conseguiu captar a idéia geral.

Acha que ele virou vigarista... Rathbone?

Não vejo como ele possa ser. Quero dizer, é assustadoramente respeitável e estudado e é sócio de todas essas sociedades; e é uma espécie de chapa de arcebispos e diretores de colégios. Não é apenas um palpite. Bem, o tempo mostrará. Até logo. Eu gostaria que você viesse também.

- Eu também - disse VICTORIA.

- Que é que você vai fazer?

- ir para a Agência St. Guildric na Rua Gower e procurar outro emprego - disse VICTORIA sombriamente.

- Adeus, VICTORIA. Partir, say mourir un peu - acrescentou Edward com um sotaque muito britânico; - aquêles rapazes franceses sabem do que se trata. Nossos colegas ingleses apenas vão se lamentando sobre a partida que é uma doce dorzinha...

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

